

Opinião do GLOBO

Ocidente precisa estar mais unido contra a Rússia

Morte de Navalny, opositor de Putin, deveria levar recalitrantes a assumir postura mais firme contra o autocrata

A morte, anunciada pelas autoridades, do opositor russo Alexei Navalny, numa prisão a poucos quilômetros do Ártico, põe mais uma vez em evidência os métodos usados pelo regime de Vladimir Putin contra seus adversários. Navalny passa a integrar — ao lado de Boris Nemtsov, Anna Politkovskaya, Alexander Litvinenko, Eugeni Priglasin e tantos outros — a longa lista de opositores mortos desde que Putin chegou ao poder. Sobre todos esses casos, paira a indefectível sombra de Kremlin, cujos interesses costumam ser subitamente favorecidos pela extinção de rivais em circunstâncias suspeitas.

Navalny já foi vítima de envenenamento. Em agosto de 2020, conseguiu a passar mal num voo da Sibéria a Moscou. O piloto fez um pouso de emergência, Navalny foi tratado e se recuperou na Alemanha. Advogado do filho de russa e ucraniano, aquela altura ele já era o principal líder da oposição, conhecido por ter denunciado inúmeros esquemas de corrupção sob Putin. Jamais quis sair do país, mesmo depois de envenenado. Continuou a liderar protestos e contava disputar eleições, até ser preso sob

acusações fajutas de extremismo. Em seu blog, mostrou um telefonema a um espão do governo em que se fez passar por assistente de uma autoridade e arrancou dele que o veneno usado contra si fora posto na cachaça. Médicos alemães identificaram em seu corpo o novichok, agente nervoso letal desenvolvido na ex União Soviética, fabricado apenas na Rússia e usado contra outros opositores. Putin, ao comentar a acusação de que mandara eliminar Navalny, disse que, se o Kremlin quisesse matá-lo, ele já estaria morto.

Sua morte tende a agravar o isolamento de Putin do Ocidente. Mas não é fácil isolar comercialmente um exportador de petróleo. Putin tem driblado as sanções impostas depois da invasão da Ucrânia e, no campo de batalha, seus generais têm mantido vantagem sobre os adversários. Com a alta do petróleo, Moscou ganhou o apoio para a China e outros mercados. A guerra lançou a Rússia na esfera de influência chinesa. O Kremlin desenvolve, ainda, armas de nova geração. A última, capaz de destruir satélites, foi considerada "preocupante" pelos americanos.

Putin constrói uma autocracia belga

e deposita esperanças na volta de Donald Trump à Casa Branca. Em seu governo, Trump colecionou rugas com aliados europeus. Na atual campanha, para glória de Putin, ameaça romper o artigo de solidariedade que mantém a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). Entre trumpistas cresce a admiração por Putin, entrevistado recentemente por Tucker Carlson, propagandista de Trump.

Longe da propaganda, as circunstâncias que cercam a morte de Navalny, reveladoras da falta de escrúpulos de Putin, são um recado aos recalitrantes. O Congresso americano precisa aprovar novo auxílio militar e financeiro à Ucrânia. E países que favorecem Putin nos fóruns internacionais (como a Hungria) ou que lhe dão o benefício da dúvida (como o Brasil) têm o dever de assumir postura mais firme contra ele.

O recado de Navalny sobre a realidade da Rússia foi dado na filmagem do documentário que venceu o Oscar narrando sua saga. Questionado sobre a mensagem que deixaria caso fosse assassinado, afirmou: "Se decidirem me matar, isso prova que sou incrivelmente forte. Não percebo como fortes somos. Precisamos saber usar esse enorme poder. Não desistam".

Erros que permitiram fuga de Mossoró servem de alerta para as autoridades

Presos estavam em local inadequado, monitoramento falhou e resposta foi lenta

As informações que vieram a público até agora sobre a fuga de dois chefes do tráfico da Penitenciária Federal de Mossoró (RN) não se encaixam no manual de uma unidade de segurança máxima e põem em cheque a credibilidade dos presídios federais. A fuga, ocorrida por volta das 3h30 da última quarta-feira, expôs falhas que não poderiam ter acontecido.

A hipótese de facilitação ainda está sob investigação, mas, independentemente da conclusão, o que já foi divulgado deveria servir de alerta para as autoridades. Os presos ficaram buzinando na parede das celas simultaneamente (estavam em espaços separados), arrancaram a fiação e acessaram um terreno usado para burros de sol, que armazenava material de construção e ferramentas. Suspeita-se que tenham tirado dali o objeto cortante usado para romper o alambrado e ir embora. Não se sabe por que não estavam em celas habituais, menos vulneráveis.

A fuga poderia ter sido detectada, pois o ambiente é quase todo monito-

rado. Não há câmeras nas celas, mas há em corredores e pátios. Parte dos equipamentos estava quebrada, mas foram filmadas imagens dos criminosos deixando o presídio uniformizados. Em nenhum momento a movimentação atípica da dupla foi percebida, embora houvesse equipes de monitoramento tanto em Mossoró quanto em Brasília. Foram relatados ainda problemas de iluminação, com parte das lâmpadas apagadas. O ministro da Justiça e Segurança Pública, Ricardo Lewandowski, afirmou que os funcionários da penitenciária estavam "mais relaxados" devido ao feriado de carnaval.

Além dos erros evidentes, a resposta foi lenta. Se se percebeu que os presos não estavam mais nas celas às 5h, quase duas horas depois da evasão. Embora o presídio fique distante do perímetro urbano de Mossoró, o seja cercado por muros, os criminosos ganharam tempo. A Polícia Federal montou uma operação de captura com 300 agentes, drones e helicópteros. Encontrou rastros dos criminosos, mas a demora na reação tomou o trabalho mais difícil.

Lewandowski anunciou medidas pa-

ra aumentar a segurança nos presídios federais: revisão de protocolos, ajustes no sistema de câmeras, instalação de sensores, alarmes e muralhas em torno das unidades, a exemplo do que ocorreu em Brasília. Visitas e banhos de sol foram temporariamente suspensos.

Inaugurado em 2006, o sistema de presídios federais, que abriga alguns dos criminosos mais perigosos do país, tem se mostrado eficaz para isolar bandidos que aterrorizam a população. A fuga de Mossoró é a primeira em quase duas décadas. Não deixa de ser um histórico positivo. Mas o episódio já provocou arranhões na imagem de cadeias inquebráveis. É possível tirar lições importantes do caso. É esperado que detentos planejem fugir e até que contem com ajuda interna. Por isso é preciso analisar com seriedade tudo o que deu errado em Mossoró para impedir que falhas semelhantes ocorram lá e nos demais presídios federais. Diante do risco de fugas, cabe ao governo dificultá-las ao máximo. Não foi o que aconteceu no Rio Grande do Norte.

Artigos

opinioes.globo.com/opinioes/
carlosalberto.sardenberg

CARLOS ALBERTO SARDENBERG

opinioes.globo.com/opinioes/
carlosalberto.sardenberg



Vender comida, petróleo e minério

O ano passado não foi propriamente amistoso para a exportação brasileira. Os preços dos produtos agropecuários sofreram queda de 10% nos mercados mundiais, em comparação com 2022. Na indústria extrativa, a queda foi maior, 12%, na mesma base de comparação. Entretanto as exportações brasileiras bateram um recorde histórico, alcançando a expressiva marca de US\$ 344 bilhões. Qual o segredo? Ganhos de produtividade, permitindo maior quantidade embarcada.

Na soja, principal exportação nacional, o volume enviado ao exterior subiu quase 30%. No petróleo, alta de 18,5%, tudo compensando a queda de preços. Para este ano, as condições são parecidas: redução de preços, mais acentuada na agropecuária que no petróleo. Espera-se novo ganho de produtividade na agropecuária e maior volume na produção de óleo. Tudo somado e subtraído, a exportação de soja deverá render US\$ 45 bilhões (ante US\$ 53 bi no ano passado). A venda de petróleo poderá alcançar US\$ 48 bi (mais que os US\$ 44 bi em 2022). O terceiro maior item na pauta de exportação é o minério de ferro, que deverá trazer US\$ 31 bilhões, quase o mesmo resultado de 2023.

E como vão esses setores por aqui? O pessoal do agronegócio tem queixas. Querem mais apoio financeiro para compensar a quebra da safra, em consequência das condições climáticas. Mas há um rolô político mais complicado. O agro tem forte bancada no Congresso, bastante conservadora. Em tese, não gosta do governo Lula, mas tem lá o ministro da Agricultura, Carlos Fávaro, senador eleito pelo PSD, partido de Gilberto Kassab, que é secretário de Governo na administração do governador bolsonarista Tarcísio de Freitas. E como estar no governo e na oposição ao mesmo tempo. Não tem conflitos. O PT e seus aliados mais ideológicos são contra o marco temporal para demarcação das terras indígenas. O Congresso, conservador, passou pelo agro, tem maioria a favor do marco temporal, entretanto declarado inconstitucional pelo STF.

Um conflito não resolvido, portanto. A mineração sofre constante ataque dos ambientalistas, assim como a exploração de petróleo. A produção de óleo deve ter forte aumento neste ano, mas a Petrobras manifesta preocupação com a reposição das reservas. O pré-sal está próximo de entrar em declínio, de modo que é preciso descobrir novos poços. Por exemplo na Margem Equatorial, faixa litorânea que vai do Amapá ao Rio Grande do Norte. Ali mesmo onde a Petrobras batalha por uma licença ambiental, negada pelo Itama.

O conflito aqui envolve ambientalistas, instalados no governo Lula, mas atravessa todo o espectro político. Resumindo: parlamentares, governadores e prefeitos da Região Norte, não importa o partido ou ideologia, apoiam a exploração de petróleo, de olho nos royalties. A disputa aqui está dentro do governo e no Congresso. Pode-se dizer que a área da economia brasileira mais bem posicionada está nas contas externas. Um baita superávit comercial de US\$ 80 bilhões no ano passado, embora baseado em produtos ambientalmente contestados: soja, petróleo e minério.

De outro lado, os setores produtores têm obtido fortes e constantes ganhos de produtividade, especialmente a agropecuária, de classe mundial. Então o país quer mesmo especializar-se em entregar ao mundo comida, petróleo e minério de ferro? Questão mal colocada. Não é necessário sacrificar setores de bom desempenho para desenvolver a indústria do futuro, da tecnologia, da IA e verde. Aliás, a agropecuária é uma das fontes das novas tecnologias.

Não há política de médio e longo prazo para o país. As escolhas têm sido feitas no dia a dia, no improviso. Ou não há escolha nenhuma, com cada setor, estatal ou privado, se virando por conta. Discute-se muito sobre incentivos. E, de fato, há muitos setores incentivados no país, alguns funcionando, outros não. Mas prevalecem os interesses de grupos de pressão.

GRUPO GLOBO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE: Joo Roberto Moreira
VICE-PRESIDENTES: Joo Roberto Moreira e Roberto Moreira, Henrique

O GLOBO

apresentado por Joo Roberto Moreira
DIRETOR GERAL: Frederico Zupiani Kallit
DIRETOR DE REGIÃO: Joo Roberto Moreira
DIRETOR DE REGIÃO: Joo Roberto Moreira
DIRETOR DE REGIÃO: Joo Roberto Moreira
DIRETOR DE REGIÃO: Joo Roberto Moreira

Princípios editoriais do Grupo Globo: <http://globo.com/pt-br/pt-br>

EDIÇÃO
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira

DESENVOLVIMENTO
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira

ASSINATURA MENSAL
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira

ASSINATURA ANUAL
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira

ASSINATURA SEMANAL
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira

ASSINATURA DIÁRIA
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira

ASSINATURA DIÁRIA
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira

ASSINATURA DIÁRIA
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira

ASSINATURA DIÁRIA
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira

ASSINATURA DIÁRIA
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira

ASSINATURA DIÁRIA
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira

ASSINATURA DIÁRIA
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira

ASSINATURA DIÁRIA
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira

ASSINATURA DIÁRIA
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira
DIRETOR: Joo Roberto Moreira